

Artealizar o Conjunto Moderno da Pampulha: educação patrimonial para a paisagem¹

Fernando Barotti dos Santos²

Michelle Labarrere de Souza³

Maraluce Maria Custódio⁴

Resumo

Este estudo explora a aplicação da teoria de dupla artealização de Alain Roger ao Conjunto Moderno da Pampulha, como fundamento para estratégias educativas que promovam o sentimento de pertencimento e a preservação da paisagem. Articula-se a teoria de artealização (in situ e in visu) com abordagens de educação patrimonial, ambiental paisagística, propondo modelo interdisciplinar de intervenção educativa. Por meio de pesquisa qualitativa que combina revisão bibliográfica indutiva e observação participante, analisa-se como a dupla artealização pode fundamentar práticas educativas que: desenvolvam compreensão técnica e histórica do Conjunto; promovam experiências estéticas significativas; e engajem diferentes atores sociais (moradores, visitantes, gestores) em processos de preservação ativa. Conclui-se que a artealização, quando aplicada por meio de estratégias educativas críticas e participativas, pode transformar a Pampulha em um laboratório de aprendizagem social, onde conhecimento técnico e experiência estética se articulam para fortalecer vínculos afetivos e práticas sustentáveis de preservação do patrimônio cultural.

Palavras-Chave: Conjunto Moderno da Pampulha; Dupla Artealização; Educação; Paisagem; Alain Roger.

1. Introdução

O Conjunto Moderno da Pampulha, reconhecido como Patrimônio Mundial da Unesco em 2016, representa um marco da arquitetura modernista brasileira, sintetizando arte, natureza e inovação técnica em torno de seu lago. Projetado por Oscar Niemeyer, com paisagismo de Roberto Burle Marx e obras de Candido Portinari, este conjunto transcende seu valor estético

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

² Doutor em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais com ênfase em Hermenêutica Fenomenológica, com bolsa CAPES/PROEX. Mestre em Direito Ambiental e Desenvolvimento Sustentável pela Escola Superior Dom Helder Câmara. Bacharel em Direito pela Escola Superior Dom Helder Câmara. Professor de Pós-Graduação. Pesquisador do grupo MAPPS e CEJM-UFMG, nas áreas de Direito de Paisagem; Filosofia do Direito, Hermenêutica, Direito e Sociedade, Direito e Memória, Patrimônio Cultural, Direito e Literatura, Fenomenologia e Filosofia da Paisagem. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1558-5550>. E-mail: fernando_barotti@hotmail.com

³ Mestra em Direito Ambiental e Desenvolvimento Sustentável pela Escola Superior Dom Helder Câmara (ES-DHC). Graduada em Educação Física pela Fundação Universidade de Itáuna. Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG). Pesquisadora nas áreas de Meio Ambiente, Políticas Públicas, Direito Ambiental e Sustentabilidade, Educação Ambiental, Patrimônio Cultural e Paisagem. ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-7745-4827> E-mail: milabarrere@gmail.com

⁴ Mestre em Direito Constitucional pela UFMG. Mestre em Direito Ambiental pela Universidad Internacional de Andalucía (Espanha). Doutora em Geografia pela UFMG em cotutela com a Université D'Avignon (França). Pós-doutora pela Universida Veracruzana (Mexico). Professora da Graduação e Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Direito da Escola Superior Dom Helder Câmara - Mestrado e Doutorado em Direito Ambiental e Desenvolvimento Sustentável, professora adjunta da Faculdade de Direito Campus Diamantina da UEMG. E-mail: maralucem@hotmail.com.

para encarnar um projeto sociocultural do século XX, no qual a arquitetura modernista serviu como vetor de transformação urbana e construção identitária.

Apesar do reconhecimento institucional, a Pampulha enfrenta desafios contemporâneos — pressões imobiliárias, subutilização de espaços públicos e frágil conexão com a comunidade local. Nesse contexto, o artigo investiga como a teoria da dupla artealização de Alain Roger (intervenção *in situ* e mediação *in visu*) fundamenta estratégias educativas inovadoras. O objetivo é demonstrar que a aplicação desta teoria não apenas fortalece o sentimento de pertencimento entre os diversos atores sociais envolvidos (moradores, visitantes, gestores culturais e educadores), mas também promove uma preservação crítica que ultrapassa a mera conservação material.

A originalidade desta abordagem reside em seu duplo movimento: primeiro, ao vincular a teoria estética de Roger à educação patrimonial e ambiental, oferece-se uma perspectiva interdisciplinar que enriquece tanto os estudos sobre patrimônio quanto as práticas educativas; segundo, ao dialogar com as correntes críticas da Educação Ambiental, questionamos as hierarquias culturais tradicionalmente embutidas no conceito de patrimônio, propondo uma visão mais inclusiva e dinâmica da paisagem cultural.

Metodologicamente, este estudo se apoia em pesquisa qualitativa que combina revisão bibliográfica (analisando dossiês de tombamento, a obra de Roger e literatura especializada em educação patrimonial) com observação participante das dinâmicas entre usuários e o espaço do Conjunto. Esta base empírica nos permite avançar para uma síntese propositiva, apresentada na seção final do artigo, onde delineamos diretrizes concretas para ações educativas fundamentadas na dupla artealização.

Estruturalmente, o artigo se organiza em três eixos principais: uma apreciação histórica e crítica do Conjunto Moderno da Pampulha como paisagem cultural; uma discussão aprofundada sobre os fundamentos e potencialidades da teoria de Roger; e, por fim, uma proposta educativa que articula a artealização *in situ* (através de oficinas comunitárias e intervenções participativas) com a artealização *in visu* (por meio de roteiros interpretativos e tecnologias de mediação cultural).

Ao demonstrar como a artealização pode transformar a Pampulha em um verdadeiro laboratório de aprendizagem social — onde a experiência estética gera vinculação afetiva e o conhecimento técnico sustenta práticas de preservação ativa —, este artigo busca contribuir tanto para o campo teórico dos estudos patrimoniais quanto para as políticas públicas de educação e

gestão cultural. Acreditamos que esta abordagem não apenas valoriza o legado modernista, mas também o reinsere no debate contemporâneo sobre direito à cidade, participação comunitária e sustentabilidade cultural.

2. O Conjunto Moderno da Pampulha como ideal de paisagem

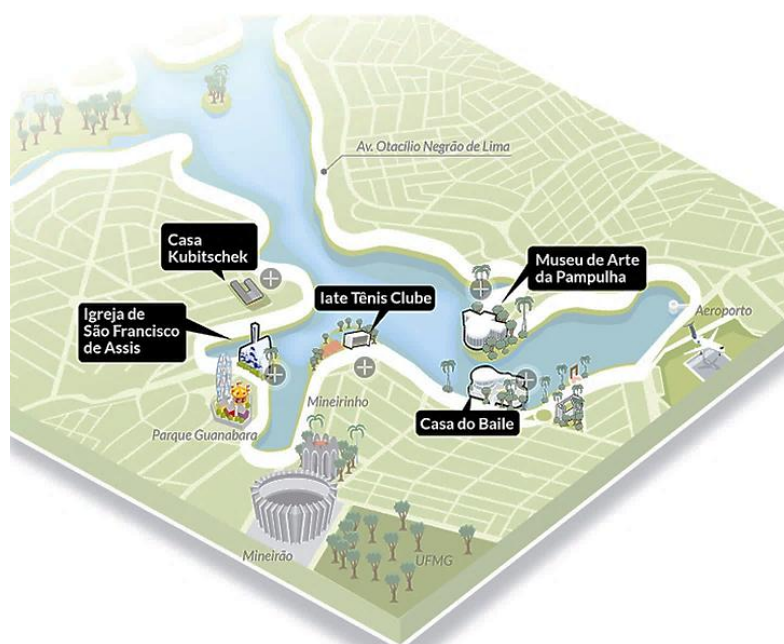
A região da Pampulha até a década de 1930 era uma região agrícola, responsável principalmente pela ligação a outra região, a de Venda Nova, local que abrigava residentes da capital oriundos dos primeiros moradores da antiga Vila Curral Del Rey. Com a ascensão do governo de Getúlio Vargas em 1930, a Pampulha passa a ser considerada potencial localidade urbana. O marco principal para a urbanização é a criação da represa da Pampulha, para abastecimento de água da capital conduzida pelo então governo de Otacílio Negrão de Lima.

A Pampulha com o governo de Juscelino Kubitschek foi palco para a modernização, uma tentativa de recuperar a ideologia modernista que conduziu a criação de Belo Horizonte (Borsagli, 2017). Em 1941 a represa é modificada para ser espaço de lazer a serviço da população mineira, juntamente com a criação e idealização de edificações que seriam projetados na região traçando um cenário de vanguarda, tomando uma concepção de cidade industrializada e urbana (Borsagli, 2017).

O Conjunto Modernista da Pampulha foi idealizado, a partir de um pedido do então prefeito de Belo Horizonte, Juscelino Kubitschek, pelo arquiteto Oscar Niemeyer, que com o uso do concreto armado trouxe as curvas para suas obras. Roberto Burle Marx ficou encarregado pelo paisagismo; o painel externo da Igreja de São Francisco de Assis foi pintado por Cândido Portinari e as esculturas ficaram a cargo de Alfredo Ceschiatti. Segundo o Ministério da Cultura, o conjunto passa a ser considerado um dos principais cartões-postais de Minas Gerais (Agência Brasil, 2023).

O complexo foi construído na beira do espelho d'água de um lago artificial no início da década de 1940 e inaugurado no ano de 1943. “Na Pampulha a paisagem seria modificada pela mão do homem (sic) com a introdução de um elemento novo – a água. Esta seria, na expressão de Aufrère, a paisagem espiritual” (Kubitschek, 1974, p. 46). Dessa forma, ela foi concebida não exclusivamente pela posição dos elementos que compunham a paisagem original, mas, também, pela projeção e execução de outros elementos construídos.

Figura 1 - Visão da Lagoa e do Conjunto Moderno da Pampulha



Fonte: CAU/MG.

A paisagem do complexo é composta pela Casa do Baile (atual Centro de Referência em Urbanismo, Arquitetura e Design de Belo Horizonte), edifício do antigo Cassino (atualmente Museu de Arte da Pampulha), Iate Golf Clube (atual Iate Tênis Clube), Igreja de São Francisco de Assis. A residência de Juscelino Kubitschek é para alguns especialistas parte desse conjunto, em razão do contexto e do tipo de arquitetura utilizada, seguindo a proposta modernista (Carsalade, 2023).

Pela primeira vez, vemos o concreto armado sujeitar-se plasticamente a padrões construtivos, tectonicamente organizados. Dentre o conjunto (Cassino, Casa do Baile, Igreja de São Francisco e Iate Clube), destaca-se o Cassino, atual Museu de Arte da Pampulha, cujo teor escultural brota em ousadas formas, integrando-se à paisagem, que pode ser vista como um quadro naturalista de dentro do edifício, em uma união entre espaço urbanístico, arquitetura e espectador (Ávila, 2021, p. 39).

O Conjunto Moderno, como o seu próprio nome sugere, reúne edificações e obras de arte integradas à paisagem de forma que, apesar do valor intrínseco em cada um individualmente, o coletivo reforça e realça a importância histórica, arquitetônica, paisagística e cultural que ele representa. O Conjunto espelha a evolução da arquitetura moderna do século XX, adaptado de tal maneira a refletir as tradições locais, criando um movimento que perpassa por meio das artes e do ambiente natural, na construção do contexto da paisagem (Unesco, 2023). De acordo com um dos critérios da Unesco (2023):

O conjunto da Pampulha e seus conceitos arquitetônicos e paisagísticos inovadores refletem um estágio particular na história da arquitetura na América do Sul, que por sua vez reflete mudanças socioeconômicas mais amplas na sociedade além da região. A crise econômica de 1929 gerou demandas para que as pessoas tivessem maior inclusão na construção da nação. Essas circunstâncias influenciaram o projeto do novo

bairro cidade-jardim de Belo Horizonte como um lugar que pudesse refletir a 'autonomia' criativa e cultural por meio de edifícios arquitetônicos inovadores projetados para uso público, inseridos em uma paisagem 'natural' projetada, bem dotada de espaços públicos para lazer e exercício (Unesco, 2023).

Dessa maneira, o Conjunto Moderno da Pampulha adquire valor de representação de uma sociedade de uma época, de uma cultura e de uma paisagem, o que permite a exploração turística, artística ou até mesmo imobiliária. Tornando não somente para os moradores da Capital, mas também de outras localidades, “um recanto paradisíaco da cidade moderna” (Féres, 2017, p. 10). São os elementos construídos e naturais da região da Pampulha que formam uma paisagem que performa, que promove uma atuação constante – ou pelo menos tenta – com habitantes e visitantes e meio ambiente, destacando-se pelo projeto arquitetônico, a ideia de desenvolvimento urbano, o lazer e o embelezamento do espaço.

O espelho d'água, resultado do represamento de córregos em uma região rural, preservava suas características naturais, mas começava a ser alterado pela intervenção humana. Esse represamento gerou uma variedade de paisagens, como promontórios, penínsulas, ilhotas e margens, proporcionando um cenário cênico mais voltado ao lazer e à contemplação.

A proposta urbanística buscava integrar-se aos recursos paisagísticos, criando âncoras no local com equipamentos urbanos de atração, como um cassino, um clube náutico e uma igreja. A ocupação territorial também seguia princípios urbanísticos modernos, com lotes amplos e baixa densidade de ocupação, direcionados principalmente à classe abastada, que encontraria ali uma "residência de campo" ou moradia principal.

O desenho urbano acompanhava a sinuosidade do lago e intercalava espaços verdes e edifícios de referência. Essa síntese entre o funcional e o orgânico caracterizaria e distinguiria os edifícios do Conjunto Moderno. A morfologia curvilínea da orla também inspirou os arquitetos, como Niemeyer e Burle Marx, que buscavam referências locais em suas concepções (Carsalade, 2018).

Os edifícios foram estrategicamente localizados de acordo com a topologia local, como o cassino em uma península e a casa de baile em uma ilhota próxima, ambos de frente para o lago. O clube náutico se estendia ao longo da orla, e a igreja ocupava uma península triangular para criar um adro. A harmonia entre os edifícios e a água era essencial para o equilíbrio do Conjunto, garantido pelas visadas cruzadas que harmonizavam amplas vistas do espelho d'água.

Oscar Niemeyer adotou uma abordagem contextualista ao projetar os edifícios, levando em consideração o entorno e estabelecendo um diálogo formal com as situações topográficas. Isso pode ser observado, por exemplo, na forma circular do restaurante do Cassino (Carsalade,

2018). Em suma, o Conjunto Moderno da Pampulha se destacou pela integração harmoniosa entre edifícios e paisagem, resultando em um cenário atrativo para o lazer e a moradia.

Finalmente, quanto à paisagem, as cumeadas que delimitam o Conjunto Moderno e lhe dão uma forte sensação de unidade estão também próximas o bastante para que não se disperse a visão, sem, no entanto, retirar a sua dimensão urbana mais extensa. As encostas que descem desse perfil topograficamente superior são suaves e repletas de vegetação, o que auxilia também a criar a forte sensação de unidade e o caráter bucólico observado no local. A ideia de conjunto, no entanto, não se esgota nas suas relações com a paisagem. Há também uma atitude projetual e uma coerência formal que cria relações entre os edifícios, jardins e obras de arte que, a despeito de uma grande variedade de soluções formais, cria uma unidade facilmente perceptível e gera significados integrados, os quais, por sua força, permanecem através dos tempos (Carsalade, 2018, p. 173).

Ou seja, a orla da Pampulha com os elementos arquitetônicos modernistas “[...] é concebido de forma a gerar uma “obra de arte total”, integrando as obras de arte aos edifícios e estes à paisagem” (Carsalade, 2018, p. 172). A paisagem, como obra de arte projetada pelo ser humano, como se dá no caso do Conjunto Moderno da Pampulha, opera a relevância do espaço modificado, inclusive, pela relação que se adquire com ele, com a natureza, com a sociedade e com a arte a ponto de torná-lo passível de proteção jurídica.

Apesar de sua importância e significado, ao longo de sua existência, o Conjunto Moderno da Pampulha passou por períodos de apogeu e abandono, que se manifestaram tanto em sua dimensão material (morfologia urbana, considerando questões ambientais, arquitetônicas e paisagísticas), quanto imaterial e simbólica (sua apropriação e seu significado para a sociedade). Assim, estas transformações ocorridas no tempo e no espaço podem ser lidas e interpretadas (Féres, 2017, p. 11).

Mesmo com sobressaltos, houve a tentativa de proteger e dar relevância e significado mundial ao Conjunto Moderno da Pampulha, sob a categoria de Patrimônio Mundial da Humanidade. No ano de 2016 o Comitê do Patrimônio Mundial da Unesco reconheceu o conjunto como Patrimônio da Humanidade, com exceção da Casa Kubitschek “[...] não por uma questão de qualidade, mas por sua posição fora da orla e por não se tratar de edifício público” (Carsalade, 2018, p. 171). Um dos destaques para sua categorização como patrimônio mundial foi pela inovação no material utilizado para a construção dos edifícios (concreto armado) e excelência de seu projeto, dando destaque a integração dos edifícios à paisagem (Unesco, 2023).

Ponto importante a se destacar é que originariamente o Conjunto Moderno estava previsto para ser tombado como patrimônio cultural, em conformidade com o artigo 1º da Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural de 1972. O Iphan em seu dossiê em caminhado a Unesco em 2015 utiliza alguns fundamentos para justificar e caracterizar a proteção mundial: em virtude de representar uma obra-prima do gênio criativo

humano, referencial da história cultural da humanidade, evolução da arquitetura mundial e a conjugação integrada de várias formas de expressão artística (Iphan, 2014).

O Icomos (Conselho Internacional de Monumentos e Sítios), braço técnico da Unesco no Brasil, após análise do material e visita técnica realizada pela arquiteta venezuelana María Eugenia Bacci faz a indicação do Conjunto Moderno da Pampulha como paisagem cultural. A Unesco apresentou um relatório provisório contendo questionamentos e recomendações. Diante disso, a comissão de candidatura procedeu à produção de uma versão revisada do dossiê, que foi entregue em 2016. Nessa versão revisada, algumas alterações foram realizadas, excluindo a Casa Kubitschek da proposta, entre outras modificações.

A preservação e o reconhecimento do conjunto como paisagem cultural, amplifica tanto a qualidade do bem tombado, quanto o esforço técnico, político e social em restaurar, qualificar e manter o bem. Isso porque, a paisagem demanda outra estrutura e organização de proteção, superando a complexidade de um bem protegido de forma isolada ou mesmo como exclusivamente uma obra humana.

Não é tarefa fácil a gestão de bens culturais, já que o conjunto se situa em uma região urbana com cidades ao redor que estão em plena expansão, sofrendo com a concentração populacional e de edificações, contribuindo para a degradação ambiental. Sem contar a falta de preparo para conceber a proteção a um nível diferente do pretendido e de integrar essa concepção na sociedade, que muitas vezes não entende a necessidade de tutela de edificações, documentos, obras de arte e arquitetônicas e, principalmente da paisagem.

Entender a dinâmica da paisagem, e como ela se instaura no espaço, na sociedade para sua posterior proteção a nível estatal é imprescindível, com o é o caso do Conjunto Moderno da Pampulha. Portanto, se estudará a seguir a projeção da paisagem no mundo a partir da tese de Alain Roger.

3. Os aspectos de dupla apreensão de paisagem em Alain Roger

A paisagem é o espaço tomado como significativo para uma parcela da sociedade — representa valores, ideias, histórias e outras atribuições de caráter humano no lugar. (Malpas, 2018; Custódio, 2014a; Emídio, 2006; Maximiano, 2004). Assim, a paisagem não pode ser entendida como mero espaço de uso, domínio ou posse, mas sim como um universo histórico em miniatura, ou seja uma realidade ampla, complexa que se manifesta enquanto fenômeno a cada sujeito de forma não idêntica, em razão do conteúdo adquirido pelo sujeito, da

interpretação, daquilo como vê o mundo e de como e onde ele vê o mundo. Pode ainda, ser a paisagem, expressa analogamente como panorama, cenário, tela, janelas, visadas ou horizontes, concepções que aderem a perspectiva de exploração e interpretação do significado espaço (Emídio, 2006).

As acepções de paisagem variam em diferentes sociedades, tempo e circunstâncias tanto em termos geográficos e culturais como em seus fundamentos, variando também os conceitos e mantendo alguns parâmetros nas definições. A visão de paisagem no passado era limitada à realidade vivida no entorno, a mesma pode ser percebida na atualidade, porém, alguns valores são diferentes, podendo-se destacar o econômico, o estético e o religioso (Maximiano, 2004).

Os significados do termo paisagem são polissêmicos e se tornam específicos de acordo com o campo de estudo e alguns críticos, exatamente por apresentar vários sentidos, desconsideram o seu valor como conhecimento científico (Ribeiro, 2007). O sentido de paisagem é mutável, flexível, tal como também é a paisagem:

[...] não há unicidade no pensamento geográfico sobre a paisagem, as modificações recentes demonstram a renovação dos pensamentos, das ciências, dos cidadãos e das situações sociais. A paisagem e seu contexto também se modificam para afiançar a permanência na contínua mutação e atender a subjetividade coletiva necessária para garantir a ambos (Custódio, 2023, p. 5).

No Brasil o termo paisagem deriva da raiz latina *pays*, oriunda do termo latim *pagensis* que pode significar *país*, *terra* ou *território*. O prefixo é encontrado em outro termo como *paysage* na França, paisagem em Portugal, *paisaje* na Espanha e *paesaggio* na Itália. A concepção de paisagem pela raiz latina “[...] também surgiu a associação do termo *paysage* à estética, aliando aspectos naturais e representação artística da paisagem. Os jardins franceses da Idade Média expressavam uma nova concepção de ordem [...]” (Maximiano, 2004, p. 85).

Paisagem nos países de tradição linguística germânica a palavra pode ser *landscape* para a língua inglesa, *landschaft* na língua alemã, *landskip* para holandeses. O termo possui o prefixo *land* significando espaço, terra ou território. *Landscap* e *landschaft* possuem outra derivação, de *pagus*, equivalente a uma porção rural bem delimitada (Custódio, 2014a). Os termos derivados da raiz anglo-saxônica podem definir-se como porção de terra relacional entre povo e lugar ou espaço visualizado.

Pode-se ainda trabalhar com a ideia de paisagem em seu foco artístico, como uma obra de arte. A artealização da paisagem pode ser encontrada nos jardins, na poesia, na música ou consagradas na pintura. Essa configuração artística da paisagem traz outra dinâmica para se pensar e propor uma relação humana com o espaço: o espaço com aderência estética, como o

espaço organizado para estabelecer uma relação ou visto como disposto naturalmente como uma obra de arte.

Essa percepção de paisagem não significa que ela será somente distinguida pela beleza ou a sua completa ausência. Alain Roger apresenta a ideia de *artealização* da paisagem, que é a noção de que toda paisagem é um produto da arte. O autor argumenta que a paisagem é uma invenção histórica de atributos estéticos, e que a arte tem um papel fundamental na criação e transformação da paisagem. Logo, “a paisagem, ou melhor, as paisagens são aquisições culturais e não vemos como poderíamos lidar com elas sem conhecer sua gênese”⁵ (Roger, 1997, p. 4, tradução nossa).

Tradicionalmente, as paisagens são avaliadas por critérios estéticos convencionais (como montanhas pitorescas ou vales verdejantes). Mas essa visão é reducionista: a paisagem pode ter valor além do belo ou do não belo, como aspectos culturais, históricos, afetivos ou simbólicos. Alain Roger propõe que as paisagens não são apenas naturais, mas sim construídas culturalmente por meio da arte. O termo *artealização* (do francês *artialisation*) refere-se ao processo pelo qual a arte (pintura, literatura, cinema etc.) molda nossa maneira de ver e interpretar a paisagem.

Por exemplo, as pinturas românticas do século XIX (como as de Caspar David Friedrich) nos ensinaram a admirar certos tipos de natureza (neblina, montanhas dramáticas). A fotografia como outro modelo, também artealiza a paisagem enquadra a realidade, destacando elementos que passam a ser vistos como paisagem. Para Roger, não existe paisagem pura: mesmo o que considera-se natural já foi filtrado, representado ou transformado pela arte ao longo da história.

Roger (1977) também discute a ideia de dupla articulação da paisagem, que envolve a distinção entre *pays* (país) e *paysage* (paisagem) e a distinção entre artealização *in situ* (transformação da paisagem no local) e artealização *in visu* (transformação da paisagem na visão). O *pays* é o território natural, com suas características geográficas, geológicas, climáticas, biológicas, entre outras. Ele é o substrato sobre o qual a paisagem é construída e é, em grande parte, independente da ação humana.

Já o *paysage* é a paisagem construída pelo ser humano, que transforma o *pays* por meio de intervenções artísticas, arquitetônicas, agrícolas, urbanísticas, e afins. “Nossa percepção

⁵ No original: le paysage, ou plutôt les paysages sont des acquisitions culturelles et l'on ne voit pas comment on pourrait en traiter sans bien connaître leur genèse.

estética da natureza é sempre mediada por uma operação artística, uma “artealização”, seja ela direta ou indireta, *in situ* ou *in visu*”⁶ (Roger, 1997, p. 68, tradução nossa).

A artealização *in situ* é uma forma de intervenção artística na paisagem que envolve a transformação direta da paisagem no local, por meio da criação de elementos que modificam a sua aparência e significado estético. Ela se refere à transformação da paisagem no local, ou seja, a intervenção direta na paisagem natural ou construída.

Roger (1997) entende que a paisagem é uma invenção histórica e essencialmente estética, e que a arte tem um papel fundamental na criação e transformação da paisagem. A *artealização in situ* é uma forma direta de intervenção artística na paisagem, que pode envolver a criação de jardins, parques, praças, monumentos, edifícios, entre outros elementos que transformam a paisagem.

A *artealização in visu* é outra modalidade de intervenção artística na paisagem, proposta por Roger (1977). Ela se refere à transformação da paisagem na visão, ou seja, a intervenção indireta na paisagem natural ou construída, por meio da mediação do olhar. É uma forma de intervenção artística na paisagem que envolve a transformação da percepção da paisagem por meio da criação de imagens e representações que modificam a sua aparência e significado estético. A *artealização in visu* é uma forma indireta de intervenção artística na paisagem, que pode envolver a criação de imagens, fotografias, pinturas, desenhos, mapas, entre outros elementos que transformam a percepção dela.

É necessário acrescentar uma perspectiva que amplia o olhar sobre essa paisagem e evoca a profundidade nela contida. A visão empírica é muito comumente utilizada quando se refere ao termo em questão, pois, uma visão muito imediatista, realística exprime apenas uma visão simples de um espaço, é necessário que o indivíduo exercite outras dimensões que este espaço representa, para compreendê-lo para além do meramente visto.

É comum o expectador olhar apenas a arquitetura, os detalhes estéticos, as condições de conservação, apenas o óbvio que a paisagem oferece, porém há componentes históricos e culturais que encorpam e enriquecem o significado da paisagem. Estas diferentes dimensões idealizadas pela sociedade ocorrem a partir de uma ruptura do pensamento quanto ao papel do ser humano e da natureza corroborando com essa ideia, Féres (2018, p. 4) destaca que:

Na Antiguidade e na Idade Média não existia o sentimento da paisagem, pois o homem era um sujeito incorporado à natureza. Este surge somente quando ocorre a cisão entre

⁶ No original : Notre perception esthétique de la nature est toujours médiatisée par une opération artistique, une « artialisation », que celle-ci s'effectue directement ou indirectement, *in situ* ou *in visu*.

o homem e a natureza, a partir do sujeito moderno e do aparecimento da paisagem na pintura. Assim, a noção de paisagem pressupõe o afastamento do homem da natureza. A natureza seria o nexu infindo das coisas, a continuidade da existência espacial e temporal. Para Simmel, a natureza é a unidade e a paisagem é um fragmento da natureza. A paisagem seria nesta concepção de Simmel uma “obra de arte in statu nascendi” (Féres, 2018).

Sendo assim, a paisagem passa a ter mais de um sentido para o expectador que vislumbra não apenas o objeto de observação (arquitetura, design) mas, também, o valor histórico-social-emocional daquele sítio. Corroborando com essa visão, Alain Roger (1997, p. 24) afirma que “uma paisagem nunca é uma realidade natural, mas sempre uma criação cultural, que nasce na arte antes de fecundar nossos olhos”.

Dessa forma, Roger (1997) propõe uma articulação dupla, por um lado a artealização in situ (direta) e por outro, in visu (indireta - mediação do olhar), que permite abarcar uma extensão maior do campo da paisagem, não deixando de abordar as aspirações naturalistas, incluindo uma sensibilidade paisagística, em consideração os diferentes lugares e tempos.

Segundo o autor, “o pays só se torna paisagem sob a condição de paisagem, e está, segundo as duas modalidades, móvel (in visu) e aderente (in situ), de artealização”⁷ (Roger, 1997, p. 8, tradução nossa). Sendo assim, a dimensão de territorialidade, de terra, se modifica abstrata e materialmente pelo humano desempenhando significado dentro da cultura e tradições. Contudo, pode-se dizer que a paisagem está em constante mudança, ela é uma estrutura física em dinâmica, pois as interpretações humanas levam-na a modificações de sentido, portanto, são inaceitáveis reduções, limitações ou qualquer concepção que engessa a paisagem.

A paisagem como arte, sob a lente de Roger, destina a visualização desta como fenômeno estético que representa a subjetividade humana na organização do espaço, de modo a dar sentido social para aquele lugar. Para isso, tal organização espacial depende não só de vontade, mas de conhecimento técnico, pois artealizar a paisagem se faz de categorias da técnica e da interpretação.

Vou usar aqui uma analogia, à qual recorri desde Nus et Paysages. Se tomarmos o exemplo do corpo feminino, existem efetivamente duas maneiras de a arte converter a nudez em um objeto estético, que, em si, é neutro: o que os Caduveo de Lévi-Strauss chamam desdenhosamente de “o indivíduo estúpido”. técnicas, supostamente arcaicas, bem conhecidas dos etnólogos, pinturas faciais, tatuagens, escarificações, que visam transformar a mulher numa obra de arte ambulante, alternadamente heterogênea, cinzelado, esculpido, dependendo se a sentença de arte se aplica, é impresso, embutido, incorporado. O mesmo vale para a nossa maquiagem, que Baudelaire já apontava que “aproxima imediatamente o ser humano da estátua”, revestida de natureza, sobrenatural. O segundo procedimento é mais econômico,

⁷ No original: du pays ne devient un paysage que sous la condition d'un paysage, et cela, selon les deux modalités, mobile (in visu) et adhérente (in situ), de l'artialisation.

porém mais sofisticado. Consiste no desenvolvimento de modelos autônomos, pictóricos, escultóricos, fotográficos, etc., que se enquadram no conceito genérico de Nu, por oposição à nudez. Mas agora é necessário um revezamento adicional, o do olhar, que deve de fato impregnar-se desses modelos culturais, para artificializar à distância e, literalmente, embelezar pelo ato perceptivo o que Musil chamou de "a besta branca e magra" (Roger, 1997, p. 8, tradução nossa).⁸

Descreve-se, portanto, um dualismo em ação, a paisagem delineia-se como a obra de arte que pode ser interpretada de duas maneiras simultâneas. A primeira enxerga a obra como um processo que transforma a vida, considerando elementos como hereditariedade, circunstâncias, hábitos e influências. Isso implica que a arte pode ser vista como a transição da necessidade para a liberdade, resultando em uma expressão que é livremente motivada pela vida, uma manifestação do que é intrinsecamente essencial. O segundo aspecto desse conceito, como mencionado por Chauí (1994, p. 477), destaca a essência da obra de arte como uma origem em constante desenvolvimento e um esforço que não conhece fim.

Por isso pensar o Conjunto Moderno da Pampulha como uma paisagem artealizada depende, sobretudo, de se entender a importância espacial daqueles elementos e das condições necessárias empregadas para proteção e conservação da paisagem. Em mesmo sentido, é necessária uma condição educacional de paisagem, de meio ambiente e patrimonial para integrar o conjunto moderno a sociedade e a proteção jurídica.

4. Artealizar a paisagem da Pampulha, mas educar para compreendê-la

Tem-se concreto que "[...] a educação é o primeiro ponto que leva à valorização da paisagem e o segundo ponto é o valor dado a essa" (Custódio, 2014a, p. 67). A proteção e a valorização da identidade do Complexo Moderno da Pampulha podem ser promovidas por meio de uma abordagem educacional integrada, que combine paisagismo, meio ambiente e patrimônio. Essa formação tríplice articula conhecimentos técnicos e sociais, capacitando tanto

⁸ No original: J'userai ici d'une analogie, à laquelle j'ai recours depuis Nus et Paysages Si l'on prend l'exemple du corps féminin, il y a effectivement deux façons pour l'art de convertir en objet esthétique une nudité, qui, en elle-même, est neutre: ce que les Caduveo de Lévi-Strauss appellent avec mépris «l'individu stupide». L'une consiste à inscrire le code artistique dans la substance corporelle, in vivo, in situ, et ce sont toutes ces techniques, réputées archaïques, que connaissent bien les ethnologues, peintures faciales, tatouages, scarifications, qui visent à transformer la femme en oeuvre d'art ambulante, tour à tour bariolée, ciselée, sculptée, selon que la sentence de l'art s'applique, s'imprime, s'incruste, s'incarne. Il en va de même pour notre maquillage, dont Baudelaire soulignait déjà qu'il « rapproche immédiatement l'être humain de la statue », enduit sur nature, surnaturel. La seconde procédure est plus économique, mais plus sophistiquée. Elle consiste à élaborer des modèles autonomes, picturaux, sculpturaux, photographiques, etc., qu'on range sous le concept générique du Nu, par opposition à la nudité. Mais un relais supplémentaire est désormais requis, celui du regard, qui doit en effet s'imprégner de ces modèles culturels, pour artialiser à distance et, littéralement, embellir par l'acte perceptif celle que Musil nommait « la mince bête blanche ».

especialistas – que atuarão diretamente na preservação e gestão do espaço – quanto a comunidade, por meio da disseminação de informações acessíveis.

Além disso, é essencial que o poder público incentive e estimule o interesse da sociedade pelo patrimônio, criando mecanismos de participação e diálogo. Dessa forma, a preservação não se restringe a ações técnicas, mas se consolida como um processo coletivo, no qual a comunidade reconhece e se identifica com o valor cultural e histórico da Pampulha.

A integração da educação ambiental, patrimonial e paisagística exige abordagem sistêmica, fundamentada em princípios técnicos, jurídicos e pedagógicos, visando à formação de uma consciência crítica e à promoção de ações sustentáveis. A educação ambiental, conforme estabelecido pela Política Nacional de Educação Ambiental (Lei nº 9.795/1999), deve fomentar a compreensão dos processos ecológicos e a adoção de práticas que harmonizem a relação entre sociedade e natureza. Paralelamente, a educação patrimonial, amparada pelo Decreto-Lei nº 25/1937 e pela Constituição Federal de 1988 (art. 216 e art. 225), deve orientar o reconhecimento, a valorização e a preservação dos bens culturais, materiais e imateriais.

A educação paisagística, por sua vez, embora não conte com uma codificação específica no ordenamento jurídico brasileiro, encontra seus fundamentos em dispositivos legais esparsos, tais como o Estatuto da Cidade (Lei nº 10.257/2001), os preceitos constitucionais pertinentes e os decretos de tombamento, estes últimos citados a título exemplificativo. A ausência de uma legislação unificada sobre a matéria não obsta, contudo, à sua relevância como campo de conhecimento e prática técnica. Esta modalidade educativa deve necessariamente abarcar o estudo da percepção, do planejamento e da gestão dos espaços urbanos e naturais, contemplando tanto sua função agregadora de elementos físicos e sociais quanto sua dimensão simbólica. Nesse contexto, a educação paisagística configura-se como instrumento fundamental para a compreensão e intervenção qualificada no território, sempre em conformidade com os princípios legais aplicáveis e com as diretrizes técnicas estabelecidas pelos órgãos competentes.

A educação para a paisagem pode se construir na experiência da realidade vivida, que é essencialmente dialética, como nos mostra Paulo Freire numa abordagem fenomenológica da educação. Freire diz que a construção do conhecimento a partir da experiência é capaz de despertar a sensibilidade para o mundo ao redor, possibilitando uma nova interpretação da realidade à medida em que se aprende. Neste sentido, a educação se torna a base necessária na construção de uma consciência, para além de um conhecimento, pois, ao desenvolver um determinado olhar diante do mundo experienciado, é capaz de ressignificá-lo. Educar para a paisagem consiste, portanto, no processo de despertar e desenvolver uma compreensão do mundo experienciado enquanto paisagem e de si mesmo enquanto sujeito mediador desta realidade, e, portanto, parte da paisagem. Numa perspectiva experiencial, a educação paisagística deve considerar necessariamente duas questões relevantes [...] (Duarte, *et al*, 2022).

A articulação entre essas três vertentes educativas pressupõe a elaboração de programas interdisciplinares que combinem conhecimentos técnicos, como ecologia, arquitetura, direito urbanístico e conservação, com metodologias participativas, a fim de engajar tanto especialistas quanto a comunidade. É essencial que o poder público, em consonância com instituições educacionais e organizações da sociedade civil, desenvolva estratégias de capacitação, sensibilização e difusão de informações, garantindo que os conteúdos sejam acessíveis e contextualizados.

Nesse contexto, a educação ambiental, patrimonial e paisagística — não se limitando à transmissão de conhecimentos — deve estimular a reflexão sobre a interdependência entre elementos naturais, culturais e urbanos, incentivando a participação ativa da sociedade na preservação e transformação do espaço. Dessa forma, é possível consolidar uma visão integrada que assegure a sustentabilidade, a identidade cultural e a qualidade da paisagem.

Essas formas de educação promovem um senso de pertencimento, ligado à maneira como compreende-se o mundo “[...] o sentimento de pertencimento é compreendido com um elo conectivo que nos liga ao todo, capaz de potencializar a autonomia e a coletividade, necessária para a construção da identidade (o eu), a construção da alteridade (o outro) e as interações de relações múltiplas (o universo)” (Santos; Guimarães, 2020, p. 220). Assim como a arte estabelece um diálogo entre a obra e quem a contempla – e esse vínculo se aprofunda quando mediado por especialistas, que transmitem conhecimento técnico e transformam a relação entre observador e obra –, a paisagem artealizada, conforme proposta por Roger, também exige esse mesmo tipo de mediação.

A educação, nesse contexto, funciona como ferramenta essencial para ampliar a experiência da paisagem. Ela não apenas informa, mas também desperta no observador – por meio de intervenções técnicas e pedagógicas – um pertencimento até então desconhecido, enriquecendo sua percepção e conexão com o espaço. Neste caso, isso é conhecer a história da construção do complexo, os princípios arquitetônicos por trás de seu projeto e sua importância como patrimônio cultural e como complexo paisagístico. A educação paisagística consiste em ensinar as pessoas a apreciar e valorizar a paisagem como expressão cultural e natural:

[...] educação paisagística corrobora com a ideia da função social da paisagem que, ao considera-la um bem patrimonial, contribui para a valorização de povos e culturas desassistidas ou menosprezadas e denuncia práticas espaciais que desrespeitam o meio ambiente e a vida, como o avanço desordenado das cidades e a destruição constante das massas vegetais dos ecossistemas. Ter a paisagem como elemento componente das políticas públicas patrimoniais implica o reconhecimento de uma produção coletiva do espaço. Desprende-se da seleção desta ou aquela propriedade

como representante de uma história e valoriza-se o lugar como um todo componente da dinâmica social (Zanatta; De Souza, 2022, p. 80)

Garantir a gestão eficaz dessa paisagem cultural exige o equilíbrio entre a utilização dos espaços por parte das pessoas e a proteção do patrimônio, sendo essencial manter a vitalidade das áreas através de uma programação de atividades culturais, de lazer e esportivas que estejam alinhadas com a conservação (Féres, 2017). A participação ativa dos residentes e da comunidade na administração do Conjunto Moderno se torna imprescindível para assegurar decisões inclusivas que representem os valores sociais e culturais em questão (Féres, 2017).

Em se tratando de valor da paisagem, esta, não pode ser exclusivamente determinada pelo mercado, uma vez que, em grande medida, sua natureza é destituída de preço devido à sua falta de comercialização viável (Custódio, 2014b). A paisagem é composição, indo além da categorização meramente objetiva. A apreciação do valor da paisagem também está intrinsecamente ligada à consideração de elementos subjetivos e estéticos (Custódio, 2014b).

Educar para compreender a paisagem também promove o contexto econômico. Emerge-se uma circunstância que possibilita uma parcela substancial da sociedade explorar o componente paisagístico como recurso gerador de proventos. Essas empreitadas, intrinsecamente interligadas, estão condicionadas à preservação constante e à conservação da integridade visual do cenário subjacente, a fim de assegurar sua contínua sustentabilidade e viabilidade (Zanatta; De Souza, 2022).

A filosofia da paisagem de Alain Roger pode ser aplicada ao Complexo Moderno da Pampulha para estimular o diálogo entre o ser humano e o meio em que vive. Esta filosofia sustenta que a paisagem não é apenas uma tela de fundo, mas um espaço onde a cultura e a natureza se entrelaçam. A paisagem como arte revela-se como personificação da vivência. Retoma-se Petrarca, que, ao escalar o Monte Ventoux em 1336, abriu diante de si um novo horizonte de percepção, permitindo-lhe apreciar o espaço de maneira inédita. Petrarca foi o primeiro a artealizar duplamente a paisagem, perceber não somente a montanha como referência geográfica, mas como uma relevância, um enquadramento, tal como se procede nas artes. A arte é apreciável, é contemplável, constantemente inovadora e necessita dessa mediação para expressar-se logo, a paisagem como signo artístico também invoca essas condições.

Essa vivência com a arte assente um sentimento de liberdade e uma conexão íntima com o mundo ao seu redor. O relato dessa experiência é, em essência, a narrativa do ato de existir, marcando a transformação do indivíduo e sua revelação à beleza natural, assim como o deleite desinteressado de contemplá-la, tal como se faz ao experimentar uma obra de arte. Tudo isso

culmina na expressão das sensações de expansão do espaço aberto e da visão que se estende ao infinito ou o horizonte de percepção e potencialidades que se pode adquirir ou manifestar:

[...] como cada observação é única e própria a cada observador, podemos nomear mundo referencial o conjunto de sensações e experiências vividas, de sentimentos, observações e significações dadas pelo observador. Esse mundo, que será sempre um mundo referencial próprio a cada um [...] se diferencia da realidade uma vez que será o mundo vivenciado, percebido e construído a partir de uma individualidade (Pinto, 2004, p. 70).

Sob a tese de Roger, se educar para compreender a paisagem é trabalhar com sua dimensão artística, trazendo da arte, elementos como composição, a intenção do projetista e da obra, a intenção dela é interpretada no tempo e no espaço que se compõem. Ao mesmo tempo, artealizar duplamente a educação: promovendo uma educação técnica para compreender a existência, a permanência e a relevância do Conjunto, ao passo, que a imanência da paisagem tutelada provoca o educar do olhar, da interpretação e do sentimento de pertença. "[...] Mostra que o homem (sic) cria objetos não apenas para se servir utilitariamente deles, mas também para expressar seus sentimentos diante da vida e, mais ainda, para expressar sua visão do momento histórico em que vive" (Proença, 2005, p. 7).

Nesse contexto, segundo a perspectiva de Roger, o ato de educar para uma compreensão plena da paisagem implica em explorar sua faceta artística, incorporando à abordagem elementos provenientes da arte. Isso envolve examinar a composição da paisagem, compreender as intenções tanto do projetista quanto da obra em si, e decifrar a mensagem que a obra transmite ao longo do tempo e dentro do espaço que a circunda se desnudando para criar uma visão também ao que observa.

[...] no processo de educação com a imbricação entre sua forma e seu conteúdo, enfatizando num lado, o sentido estético ao propor uma ampliação da sensibilidade, e, no outro lado, o sentido ético ao preparar para uma tomada de responsabilidade visando à proteção das paisagens. Em síntese, afirmamos que imersos na paisagem com sentimento de pertença, nos responsabilizamos pela qualidade da paisagem ou do mundo em que vivemos, também entendido como a natureza que nos sustenta. Esse movimento do sentido estético para o ético é tratado por Adriana Serrão quando diz que 'Ao apelar à dimensão vital da natureza, origem e base de toda a existência, a estética configura-se eticamente' (Duarte, *et al*, 2022).

A análise profunda desses aspectos permite que se revele uma dimensão mais rica e complexa da paisagem, transformando-a em um meio de expressão e comunicação que vai além de sua simples aparência visual. Educar para entender a paisagem dessa forma não apenas promove a valorização do patrimônio cultural, mas também ajuda a construir conexões mais profundas entre as pessoas e os lugares, contribuindo para uma apreciação mais enriquecedora e significativa do ambiente ao nosso redor. Consequentemente, essa abordagem fortalece a

ligação entre a herança cultural e as gerações presentes e futuras, garantindo que a paisagem continue a ser uma fonte viva de inspiração e aprendizado.

Por outro lado, a educação ambiental centra-se na promoção da consciência ambiental e da responsabilidade com o meio ambiente, nesse caso, também o cultural. No caso da Pampulha, isso significa aprender sobre a importância de preservar a paisagem do entorno das edificações e a necessidade de proteger a biodiversidade local. Layrargues (2006, p. 3), defende que “[...] a cultura aparece como elemento mediador da relação humana com a natureza, e portanto, são os valores culturais que assumem a centralidade na dinâmica pedagógica da educação ambiental [...]”.

Além disso, a educação ambiental desempenha um papel vital na sensibilização das pessoas não apenas sobre a importância da preservação física da paisagem e da biodiversidade na região da Pampulha, mas também na compreensão das conexões intrincadas entre cultura e natureza. Ao aprender sobre a necessidade de proteger o ambiente cultural, os indivíduos também são incentivados a considerar como suas ações impactam tanto a herança cultural, quanto os ecossistemas locais.

[...] educação ambiental é a análise das relações políticas, econômicas, sociais e culturais entre a humanidade e a natureza e as relações entre os seres humanos, visando a superação dos mecanismos de controle e de dominação que impedem a participação livre, consciente e democrática de todos. A educação ambiental como educação política está comprometida com a ampliação da cidadania, da liberdade, da autonomia e da intervenção direta dos cidadãos e das cidadãs na busca de soluções e alternativas que permitam a convivência digna e voltada para o bem comum (Reigota, 2010, p. 13).

Ao invés de reduzir a educação patrimonial à proteção passiva do conjunto arquitetônico ou à culpabilização genérica dos moradores por eventuais degradações, a proposta deve contextualizar criticamente as transformações da Pampulha. Isso implica analisar quem define o que deve ser preservado, quais interesses econômicos atuam no território e como as comunidades locais podem participar ativamente dessas decisões (Reigota, 2010). A paisagem, portanto, não é apenas um bem a ser contemplado, mas um campo de disputa onde se manifestam conflitos urbanos, memórias sociais e projetos de futuro.

A abordagem de Layrargues (2006) ressalta que os valores culturais são os intermediários cruciais na relação entre as comunidades humanas e o ambiente natural. Ao entender que nossa cultura molda nossa percepção e interação com a natureza, a educação ambiental ganha um caráter mais profundo e transformador. Os valores arraigados na cultura

podem influenciar as escolhas que fazemos em relação ao uso dos recursos, à conservação do patrimônio e à manutenção do equilíbrio ecológico.

Portanto, a educação ambiental não é apenas uma ferramenta para informar, mas também para inspirar a mudança positiva. Ao destacar o papel fundamental dos valores culturais, a abordagem educacional na região da Pampulha não só fortalece a relação entre os seres humanos e a natureza, mas contribui para a formação de cidadãos mais conscientes, responsáveis e comprometidos com a preservação do ambiente cultural e ambiental, garantindo a sustentabilidade das riquezas naturais e culturais para as gerações futuras, se vendo como parte desse sistema.

Tanto a educação paisagística quanto a educação ambiental podem promover maior conexão e vínculo afetivo com o Complexo Moderno da Pampulha. Ao conhecer sua história e sua importância cultural e ambiental, as pessoas podem desenvolver um senso de identidade com este lugar único. Freire (2021, p. 98) ressalta:

A educação como prática de liberdade, ao contrário daquela que é prática da dominação, implica a negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim como também a negação do mundo como uma realidade ausente de homens. A reflexão que se propões, por ser autêntica, não é sobre este homem abstração nem sobre este mundo sem homens, mas sobre os homens em suas relações com o mundo. Relações em que consciência e mundo se dão simultaneamente. Não há uma consciência antes e um mundo depois e vice-versa.

Promover a educação paisagística e ambiental em relação ao Complexo Moderno da Pampulha implica convidar as pessoas a explorar e viver esta joia arquitetônica e natural. É um convite a explorar, experimentar, experienciar o mundo de maneira única e pessoal, afinal, “[...] ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (Freire, 2021, p. 96). Isso pode ser feito por meio de visitas guiadas, oficinas educativas, exposições e atividades sensoriais ao ar livre que permitem que as pessoas se conectem mais profundamente com este bem cultural.

As complexidades inerentes à esfera educacional no âmbito da paisagem evoluem a partir da identificação primordial de que a ausência de um nível educativo abrangente e integral referente à noção paisagística e à preservação patrimonial entre os indivíduos envolvidos – englobando profissionais especializados, técnicos habilitados e a coletividade em geral – inviabiliza substancialmente a solidificação de uma cultura enraizada no respeito enobrecido à paisagem, enquanto legado coletivo digno de salvaguarda.

No tocante ao ensino formal, a intenção deve ser a de formar indivíduos críticos, capazes de interpretar, inferir e reagir, partindo da realidade ambiental vivenciada por eles. “A educação

problematizadora se faz, assim, um esforço permanente através do qual os homens vão percebendo, criticamente, como estão sendo no mundo com que e em que se acham” (Freire, 2021, p. 100).

Ainda sobre a mesma temática, advoga-se pelo aprimoramento contínuo dos currículos de graduação e pós-graduação pertinentes, enquanto o escopo educacional confronta-se com o desafio de fomentar e amalgamar a inclusão ativa da sociedade como requisito incontornável nos processos deliberativos de natureza pública, direcionados à formulação de estratégias concernentes ao planejamento, à preservação, à gestão e à concepção de novos cenários paisagísticos (Veras, 2021).

Uma educação que invista na transdisciplinaridade, através de projetos que contribuam para o pensar coletivo e alcance de soluções plausíveis para os desafios ressaltados pela população local que vivencia o ambiente. Tentativas de propostas, mudanças curriculares, diversas formas de avaliação são experimentadas, porém, “as proposições políticas de ações e de regulação do Estado Brasileiro estão, aparentemente, sem eficácia em seu propósito de atendimento às demandas da sociedade atual no Brasil” (Lemes, 2016, p.1618).

É necessário que se construa um ambiente pedagógico próprio, capaz de despertar no indivíduo o valor artístico da paisagem do Conjunto Arquitetônico da Pampulha que seja capaz de proporcionar experiências sinestésicas significativas, a tal ponto de desenvolver nele o sentimento de pertencimento e, conseqüentemente o de admiração e preservação, através da educação para compreensão e ação. Metodologias participativas, como a pedagogia de projetos (Reigota, 2010), podem envolver escolas, moradores e gestores culturais em ações que ressignifiquem o espaço. Exemplos incluem:

- Intervenções artísticas colaborativas que dialoguem com a história modernista do conjunto;
- Roteiros interpretativos elaborados pela comunidade, destacando não apenas a grandiosidade arquitetônica, mas também as memórias afetivas e os conflitos socioambientais da região;
- Fóruns de discussão sobre o direito à cidade, estimulando a crítica às pressões imobiliárias e à segregação espacial.

Em conclusão, a proposta de fomentar uma relação de proteção e identificação com o Complexo Moderno da Pampulha encontra respaldo através da educação paisagística e

ambiental/patrimonial. Através do conhecimento da história da construção, dos princípios arquitetônicos e da importância cultural e ambiental deste espaço, as pessoas podem fortalecer sua conexão com essa joia arquitetônica e natural. Tanto a educação paisagística quanto a ambiental se apresentam como ferramentas cruciais para nutrir um senso de pertencimento e compreensão, resultando em uma atitude responsável e preservacionista.

Educar para ver a paisagem significa educar para estar apto a receber a transmissão cultural histórica de uma comunidade, pois ela é o reflexo da história da construção identitária dessa sociedade. Logo, educar o olhar sobre a paisagem é possibilitar a criação e análise de um instrumento de educação histórica, de memória e identidade (Custódio, 2014a, p. 68-69).

A filosofia de Alain Roger, que enxerga a paisagem como um elemento mediador entre cultura e natureza, ecoa na proposta educacional aqui delineada. Ao educar para compreender a paisagem sob sua dimensão artística, as pessoas podem decifrar a mensagem transmitida pela composição e intenções dos projetistas, estabelecendo uma conexão mais profunda entre as pessoas e os lugares que habitam. A educação ambiental também se destaca como um meio para cultivar uma consciência sobre a importância da preservação, promovendo uma harmonia entre a herança cultural e o ambiente natural.

Contudo, as complexidades intrínsecas ao âmbito educacional requerem um compromisso abrangente e transdisciplinar. Isso inclui a integração da comunidade e a busca por soluções coletivas para os desafios que a região enfrenta. É imperativo que a educação estabeleça uma conexão sólida entre a valorização da paisagem, o desenvolvimento econômico sustentável e a promoção da cidadania ativa.

Portanto, a criação de um ambiente educacional que promova uma apreciação artística e sensorial da paisagem do Complexo Moderno da Pampulha não só nutre um sentimento de identificação e preservação, mas também engendra uma relação mais profunda entre as pessoas e o ambiente em que vivem. Dessa forma, a educação multifacetada se transforma em ação concreta, assegurando a proteção da paisagem e ambiental composta pelo complexo para as gerações presentes e futuras.

5. Considerações finais

O Conjunto Moderno da Pampulha, que completa 80 anos, se destaca como Patrimônio Mundial da Humanidade, não somente pela contribuição cultural e histórica que permeia essa paisagem e obra estética, como pelo reconhecimento pelo modernismo brasileiro.

Pode-se perceber a importância, o valor e as experiências que o Conjunto proporciona por meio do ambiente natural e construído permeado pela arte, na representação de uma sociedade. Na perspectiva de Alain Roger, a ressignificação da paisagem como obra de arte estreita a relação do ser humano com o espaço, demonstrando o movimento artístico da dupla artealização: *in situ* e *in visu*. A paisagem, como uma representação de ideias e emoções humanas, adquire significados variados ao longo do tempo e espaço, moldados por fatores econômicos, estéticos, religiosos e contextuais.

Sendo a paisagem uma representação de ideias, valores e sentimentos do ser humano, torna-se significativa e interpretativa de acordo com o espaço e tempo, variando em função da realidade vivida, tendo como pano de fundo alguns aspectos principais como econômicos, estéticos e religiosos.

Partindo desses pressupostos, faz-se necessária uma educação ambiental e paisagística que visa não apenas a sensibilização para a importância da preservação e cuidado do patrimônio e paisagem, como a conceituação para o reconhecimento da diferença entre os termos e a implicação disso na proteção dos bens.

Considerar a paisagem como um movimento artístico e em constante mutação implica uma educação para perceber a arte e através da percepção, o sentimento de pertencimento e cuidado se faz naturalmente. Percebendo-se como parte artealizador. Apreender a paisagem além da artealização *in situ* – transformação direta do local é extrapolar e ampliar a referência de paisagem, através da mediação do olhar, artealização *in visu*, sendo portanto, individual, personalizada e profunda, exercitando outras dimensões que o espaço propicia e necessita de conhecimento técnico específico, fornecido pela educação.

Reconhecer o Conjunto Moderno da Pampulha como uma paisagem artealizada implica em educar para valorizar os elementos que o compõe, a história que representa, o valor cultural, estético, social, econômico e artístico, numa visão amplificada e não reducionista. Dessa forma, se torna viável o desenvolvimento do sentimento de pertencimento e conscientização da importância da preservação da paisagem e suas implicações de proteção jurídica.

Ao reconhecer o Conjunto Moderno da Pampulha como uma paisagem artealizada, uma educação eficaz fomentaria a valorização de seus componentes, história, aspectos culturais, estéticos, sociais, econômicos e artísticos. Essa abordagem ampliada, longe do reducionismo, nutriria um senso de pertencimento e conscientização sobre a importância de preservar a paisagem, contemplando suas implicações legais.

Em suma, a Pampulha é mais do que uma obra de arquitetura e arte — um testemunho vivo do modernismo brasileiro, enraizado em sua paisagem única. Com uma educação que transcende a estética, incorporando conhecimento técnico e apreciação individual, o valor desse patrimônio é cultivado, promovendo um compromisso duradouro com sua preservação e respeito pela herança cultural.

Referências

- AGÊNCIA BRASIL, *Unesco reconhece a Pampulha como Patrimônio Mundial da Humanidade*, 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2016-07/pampula-e-reconhecido-como-patrimonio-mundial-da-humanidade> Acesso em: 27 jul. 2023.
- ÁVILA, Cristina. *Belo Horizonte: ontem e hoje*. Belo Horizonte: C/Arte, 2021.
- BORSAGLI, Alessandro. *Sob a sombra do Curral del Rey: alcunhada Bello Horizonte*. vol. II, São Paulo: Clube de Autores, 2017.
- CARSALADE, Flávio de Lemos. Pampulha: quando um projeto se torna patrimônio da humanidade. *Projetar*, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/42898/2/Pampulha%20quando%20um%20projeto%20se%20torna%20patrim%C3%B4nio%20da%20humanidade.pdf> Acesso em: 27 jul. 2023.
- CHAUÍ, Marilena S.. Merleau-Ponty: obra de arte e filosofia. In: NOVAES, Adauto. (Org.). *Artepensamento*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 467-492, 1994.
- CUSTÓDIO, Maraluce Maria. *Introdução ao direito de paisagem: contribuições ao seu reconhecimento como ciência no Brasil*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2014a.
- CUSTÓDIO, Maraluce Maria. Paisagem: Subsídios para a Construção de um Conceito Democrático no Direito Brasileiro. 3º *Colóquio Ibero-Americano Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto-Desafios e Perspectivas*, p. 1-16, 2014b.
- DUARTE, Mirela Carina Rêgo; SANTOS, Luisa Acioli dos; FEITOSA JÚNIOR, Wilson de Barros; CARNEIRO, Ana Rita Sá. A concertina na educação para a paisagem. *Arquitextos*, São Paulo, ano 22, n. 262.02, Vitruvius, mar. 2022. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/22.262/8433>. Acesso em: 11 jun. 2025.
- EMÍDIO, Teresa Maria. *Meio ambiente & paisagem*. Senac, 2017.
- FERES, L. R.. Biografia de uma paisagem cultural: Conjunto Moderno da Pampulha. *Revista Fórum Patrimônio: Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável, [S. l.]*, v. 9, n. 1, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/forumpatrimo/article/view/34452>. Acesso em: 27 ago. 2023.
- FÉRES, Luciana R. Paisagem Cultural e Paisagem Urbana Histórica: reflexões acerca dos conceitos e os desafios da gestão do Conjunto Moderno da Pampulha patrimônio cultural da humanidade. *Simpósio Científico Icomos-Brasil. Belo Horizonte (MG)*, 2017.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 80 ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021. IPHAN. Dossiê de candidatura do Conjunto Moderno da Pampulha para inclusão na Lista do Patrimônio Mundial. *Conjunto Moderno da Pampulha - Belo Horizonte (MG)*. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/> Acesso em: 05 ago. 2023.

IPHAN. *Dossiê de candidatura do Conjunto Moderno da Pampulha para inclusão na Lista do Patrimônio Mundial*. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2014.

KUBITSCHKE, Juscelino. *Meu caminho para Brasília*. Rio de Janeiro: Bloch Editores S.A., 1974, V. II.

LAYRARGUES, Philippe Pomier. Muito além da natureza: educação ambiental e reprodução social. *Pensamento complexo, dialética e educação ambiental*. São Paulo: Cortez, v. 1, n. 02, p. 72-103, 2006.

LEMES, Sebastião de Souza. Indagações sobre as políticas educacionais e reflexões sobre demandas percebidas pelo estado brasileiro: tópicos para análise circunstanciada de seus instrumentos de ação. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara - SP, v. 11, p. 1616-1625, 2016.

MALPAS, Jeff. *Place and experience: A philosophical topography*. Routledge, 2018.

MAXIMIANO, Liz Abad. Considerações sobre o conceito de paisagem. *Raega-O Espaço Geográfico em Análise*, v. 8, 2004.

PINTO, João Batista Moreira. As diferentes concepções sobre o sujeito e suas inter-relações com o direito. *Veredas do Direito: Direito Ambiental e Desenvolvimento Sustentável*, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, fev. 2004. ISSN 2179-8699. Disponível em: <http://www.domhelder.edu.br/revista/index.php/veredas/article/view/147/124>. Acesso em: 22 nov. 2018.

PROENÇA, Graça. *Descobrimos a História da Arte*. São Paulo: Ática, 2005.

REIGOTA, Marcos. *O que é educação ambiental*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2010. (Coleção Primeiros Passos, v. 292).

RIBEIRO, Rafael Winter. *Paisagem cultural e patrimônio*. Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC. 2007. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/SerPesDoc1_PaisagemCultural_m.pdf. Acesso em: 10 nov. 2017.

ROGER, Alain. *Court traité du paysage*. Paris: Gallimard, 1997.

SANTOS, Débora Gisele Graúdo dos; GUIMARÃES, Mauro. Pertencimento: um elo conectivo entre o ser humano, a sociedade e a natureza. *REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental*, [S. l.], v. 37, n. 3, p. 208-223, 2020. DOI: 10.14295/remea.v37i3.10918. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/10918>. Acesso em: 11 jun. 2025.

SOUSA, Maria de Lourdes Martins Alves de. *Abordagem da paisagem urbana histórica e o reconhecimento de valores patrimoniais pela comunidade: construído e patrimônio sustentável*. 2022. 248 f. Tese (Doutorado) - Curso de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável, UFMG, Belo Horizonte, 2022.

UNESCO. *Pampulha Modern Ensemble*. 2023 Disponível em: <https://whc.unesco.org/en/list/1493/>. Acesso em: 27 set. 2023.

VERAS, Lúcia Maria de Siqueira Cavalcanti. Carta da Paisagem das Américas: um olhar sobre sua construção e desafios. *Revista Brasileira de Geografia Física*, v. 14, n. 01, p. 455-478, 2021.

ZANATTA, Yuri Potrich; DE SOUZA, Reginaldo José. A paisagem como patrimônio: da Convenção Europeia às Cartas Nacionais da América Latina. *Espaço em Revista*, v. 24, n. 1, p. 60-83, 2022.

Artealización del Conjunto Moderno de Pampulha: educación patrimonial para el paisaje

Resumen

Este estudio explora la aplicación de la teoría de la doble artisticización de Alain Roger al Conjunto Moderno de Pampulha como base para estrategias educativas que promueven un sentido de pertenencia y la preservación del paisaje. La teoría de la artisticización (in situ e in visu) se articula con enfoques de educación patrimonial, ambiental y paisajística, proponiendo un modelo interdisciplinario de intervención educativa. A través de una investigación cualitativa que combina la revisión bibliográfica inductiva y la observación participante, el estudio analiza cómo la doble artisticización puede apoyar prácticas educativas que: desarrollan la comprensión técnica e histórica del Conjunto; promueven experiencias estéticas significativas; e involucran a diferentes actores sociales (residentes, visitantes, gestores) en procesos de preservación activa. Se concluye que la artisticización, cuando se aplica a través de estrategias educativas críticas y participativas, puede transformar Pampulha en un laboratorio de aprendizaje social, donde el conocimiento técnico y la experiencia estética se articulan para fortalecer los vínculos afectivos y las prácticas sostenibles de preservación del patrimonio cultural.

Palabras claves: Complejo Moderno de Pampulha; Artealización Dual; Educación; Paisaje; Alain Roger.

Artéalisation de l'Ensemble Moderne de Pampulha : éducation au patrimoine et au paysage

Résumé

Cette étude explore l'application de la théorie de l'artisticisation d'Alain Roger à l'Ensemble Moderne de Pampulha comme base de stratégies éducatives favorisant le sentiment d'appartenance et la préservation du paysage. La théorie de l'artisticisation (in situ et in visu) s'articule avec des approches d'éducation au patrimoine, à l'environnement et au paysage, proposant un modèle interdisciplinaire d'intervention éducative. À travers une recherche qualitative combinant revue bibliographique inductive et observation participante, l'étude analyse comment l'artisticisation duple peut soutenir des pratiques éducatives qui : développent la compréhension technique et historique de l'Ensemble ; favorisent des expériences esthétiques significatives ; et engagent différents acteurs sociaux (résidents, visiteurs, gestionnaires) dans des processus de préservation active. Il est conclu que l'artisticisation, lorsqu'elle est appliquée à travers des stratégies éducatives critiques et participatives, peut transformer Pampulha en un laboratoire d'apprentissage social, où les connaissances techniques et l'expérience esthétique s'articulent pour renforcer les liens affectifs et les pratiques durables de préservation du patrimoine culturel.

Mots-clés: Complexe Moderne de Pampulha ; Double Artéalisation ; Éducation ; Paysage ; Alain Roger.

Artializing the Pampulha Modern Ensemble: heritage education for the landscape

Abstract

This study explores the application of Alain Roger's dual artisticization theory to the Pampulha Modern Ensemble as a basis for educational strategies that promote a sense of belonging and preservation of the landscape. The theory of artisticization (in situ and in visu) is articulated with approaches to heritage, environmental and landscape education, proposing an interdisciplinary model of educational intervention. Through qualitative research that combines inductive bibliographic review and participant observation, the study analyzes how dual artisticization can support educational practices that: develop technical and historical understanding of the Ensemble; promote meaningful aesthetic experiences; and engage different social actors (residents, visitors, managers) in processes of active preservation. It is concluded that artisticization, when applied through critical and participatory educational strategies, can transform Pampulha into a laboratory for social learning, where technical knowledge and aesthetic experience are articulated to strengthen affective bonds and sustainable practices of cultural heritage preservation.

Keywords: Pampulha Modern Ensemble; Double Artealization; Education; Landscape; Alain Roger.